



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O PAPEL SOCIAL DO ENSINO LÍNGUA PORTUGUESA

Jailma Oliveira dos Santos
Universidade Estadual da Paraíba-UEPB
Jailma.safsz@hotmail.com

Resumo: É a posse da língua (gem) o que mais claramente distingue o homem dos outros seres. Devemos considerar suas manifestações como fontes de legitimação de acordos, condutas sociais, e sua representação simbólica como forma de expressão de sentidos, emoções e experiências do ser humano na vida social. Não deve-se, em momento algum desconsidera-la, principalmente no ambiente escolar. Trata-se de uma questão que deve ser não apenas privilegiada nas aulas de Língua Portuguesa, mas também nas demais disciplinas. Não há língua divorciada do contexto social. Sendo ela dialógica por princípio, não há como separá-la de sua própria natureza, mesmo em situação escolar. E nesse contexto escolar, é o professor responsável por essa interação, ele deve apresenta-se a seu aluno como um educador/orientador e não como um mero transmissor de informações, pois, numa visão emancipadora, os educadores não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas. Este artigo tem como objetivo principal refletir sobre uma perspectiva de ensino de língua portuguesa voltado para um ensino em que o aluno possa ampliar os seus conhecimentos muito além do que lhe é apresentado em sala de aula e que este ensino seja capaz de mobilizar práticas educativas que visem uma educação crítica. Em termos metodológicos, configura-se como pesquisa bibliográfica por ser uma revisão de literatura sobre algumas teorias que norteiam o trabalho científico no campo da educação.

Palavras-chave: Contexto Social; Língua (gem); Práticas Educativas.

Introdução

O ensino de língua portuguesa esteve por muitos anos voltado para a gramática tradicional no que diz respeito as suas formas, regras, funções, nomenclaturas etc. e ainda hoje percebemos que ela continua tendo seu espaço garantindo nas práticas de ensino.

Essa atitude prescritiva é rotulada de gramática normativa. Nas palavras de Franchi (1991 *apud* Travaglia, 2006, p. 24), “gramática é o conjunto sistemático de normas para bem falar e escrever, estabelecidas pelos especialistas, com base no uso da língua consagrado pelos bons escritores”. Nesse sentido, prestigia-se a norma culta, em decorrência de argumentos estéticos, elitistas ou aristocráticos, políticos, comunicacionais e históricos, e deprecia-se quaisquer outras variações da língua. Dessa forma, o ensino de língua portuguesa ainda hoje



é visto por muitos como a maneira de ler e escrever com sucesso, mas para se chegar a esses parâmetros são essenciais outros tipos de conhecimentos, pois gramática e o uso da língua são diferentes. Para Antunes (2007, p.54) “o uso da língua, além da gramática, comporta um léxico e supõe ainda regras de textualizações e regras de interação, decorrentes das situações sociais em que acontece a atividade verbal” características que o ensino de gramática descontextualizada, por si só, não dá conta de esclarecer com eficácia.

O professor de Língua Portuguesa, no exercício de sua prática docente tem de propor aos seus alunos atividades pedagógicas voltadas para um processo de ensino/aprendizagem na construção de cidadãos críticos.

O trabalho foi realizado com intuito de alcançar os princípios da educação sócio interacionista que propõe a interação entre professor/aluno, a partir de ações contextualizadas que levem o aluno a questionar o mundo no qual está inserido, e que exige dele uma gama muito maior de conhecimentos, para proporcionar ao mesmo o acesso às diversas esferas sociais.

A escolha do objeto de pesquisa justifica-se por ser o professor, na sua condição profissional, o responsável por assumir o compromisso com o aluno, com a família, com sua comunidade, com a instituição escolar que representa sua inclusão civilizatória, com a produção conjunta de significados em sala de aula, com a democracia, com o sentido de profissionalismo que implique competência, fazer bem o que lhe compete.

Metodologia

Como embasamento teórico-metodológico, lançamos uma pesquisa bibliográfica, que busca a revisão da literatura sobre as principais teorias que norteiam o trabalho científico analisando e problematizando as várias contribuições científicas existentes. A revisão de literatura é apenas um pré-requisito para a realização de toda e qualquer pesquisa, ao passo que a pesquisa bibliográfica é uma etapa fundamental antes da elaboração ou desenvolvimento de um estudo.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Dessa forma, no âmbito educacional, selecionamos, teoricamente, autores como Azeredo (2008), Brandão (1985), Antunes (2003) Libâneo (1994), LDB, Martins (1997), Freire (1996), entre outros.

Resultados e discursões

Com o passar do tempo, as interações sociais vão se tornando cada vez mais complexas e exigindo dos sujeitos maiores e variadas habilidades para a comunicação. A escola parece que não consegue acompanhar os avanços sociais e não prepara os alunos para a interação social por meio da linguagem. Em outras palavras, a educação do passado passou a ser insuficiente. É preciso olhar para o presente e descobrir novas formas de ação escolar, especificamente no que se refere ao ensino de língua portuguesa que atendam as novas necessidades que emergem.

Assim, o professor tem, em nossos dias, a árdua tarefa de criar condições de sobrevivência e desenvolvimento dos seus educandos na sociedade, aproveitando-se de fórmulas eficientes do passado e pesquisando outras que se fizerem necessárias. "Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação" (BRANDÃO, 1985, p.7).

O professor deve trabalhar a fim de desenvolver habilidades, que possam levar a educação para a cidadania e proporcionar a apreensão e a produção do conhecimento, não apenas repetir regras a fim de que os alunos reproduzam tudo que já foi dito. Segundo Antunes (2003, p. 15), "não podemos, não devemos, pois, adiar a compreensão de que a participação efetiva da pessoa na sociedade acontece, também e muito especialmente, pela "voz", pela "comunicação", pela "atuação e interação verbal", pela linguagem". Temos que admitir que o conhecimento, principalmente o de mundo não é adquirido através de regras e fórmulas descritas pela norma padrão que as escolas tendem a adotar. "O ensino de língua portuguesa não pode afastar-se desses propósitos cívicos de tornar as pessoas cada vez mais críticas, mais participantes e atuantes, política e socialmente" (ANTUNES, 2003, p. 15).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Para Libâneo (1994, p. 27) “a organização dos conteúdos da formação do professor em aspectos teóricos e práticos de modo algum significa considerá-los isolados. São aspectos que devem ser articulados” para que desta forma, a disciplina de língua portuguesa possa motivar os alunos a discutir e aprender cada vez mais, já que, a mesma está inserida em todo contexto seja ele escolar ou social. Assim, atividades práticas do aluno podem complementar ainda mais a aprendizagem, quando o conteúdo é trabalhado de forma significativa e coerente.

Sendo assim, se deve levar em consideração, as experiências, os conhecimentos, a motivação e os aspectos comunicativos específicos que o aluno traz para a aprendizagem, objetivando, com isso, desenvolver as quatro habilidades do aluno: ouvir, ler, falar, escrever.

Para que isso ocorra, deve-se construir um referencial teórico que oriente o professor em sua prática, para preparar as suas aulas no foco do desenvolvimento dessas habilidades e competências ministrando conteúdos específicos para desenvolvimento de seus discentes uma vez que todo ser humano possui uma disposição inata para a aprendizagem, isto é, toda pessoa é capaz de aprender, de fazer algo específico, ou seja, uma ação física ou mental. Para mobilizar o conjunto de habilidades do aluno, o professor precisa fazer com que seus discentes analisem, apliquem, avaliem, identifiquem, relacionem, sintetizem e manipulem com destreza todo conhecimento adquirido. . Conceitos não são aprendidos mecanicamente, mas evoluem com a ajuda de uma vigorosa atividade mental, pois o repassar de conteúdo vai na contramão dessa teoria. Ensinar é criar situações favoráveis ao desenvolvimento de habilidades

O professor precisa provocar, interagir, discutir, criticar, analisar, enfim, trabalhar as chamadas habilidades operatórias visando o desenvolvimento de competências linguísticas e textuais para que desta forma os alunos possam resolver problemas e criar produtos que sejam significativos em um ou mais ambientes em que estejam inseridos.

A realização consciente e competente das tarefas de ensino e aprendizagem torna-se, assim fonte de convicções, princípios de ação, que vão regular as ações práticas dos alunos frente a situação postas pela realidade [...] Mostramos, assim, que não há como especificar objetivos imediatos do processo de ensino fora de uma concepção de mundo (LIBÂNIO, 1994, p.99).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Se hoje a escola deseja formar um cidadão consciente e reflexivo, como consta na LDB, em seu art.22º "A educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurando-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores", se a sociedade mudou e exige pessoas questionadoras e conscientes de seus direitos e deveres, é necessário que professores e professoras e todos os envolvidos com as instituições de ensino reflitam sobre a sua prática e sua postura diante dos discentes, pois todos estão envolvidos no processo educacional.

A língua portuguesa está situada no emaranhado das relações humanas, nas quais o aluno está mergulhado e não divorciado do contexto social. Espera-se que ele alcance competências em relação à compreensão da língua portuguesa que lhe possibilitem considerá-la como fonte de legitimação de acordos e condutas sociais e como representação simbólica de experiências humanas manifestadas na forma de sentir, pensar e agir na vida social.

Para Nidelcoff (1983), o professor precisa se apresentar aos seus alunos como um educador/orientador e não como um mero transmissor de informação. Os alunos devem lhe interessar enquanto pessoas, não enquanto intelectos apenas.

Tais reflexões tem grande importância não apenas dentro do ambiente escolar, mas na formação continuada do indivíduo que está inserido numa sociedade. Sociedade esta que deve oferecer também condições que possibilitem ao aluno ampliar os seus conhecimentos muito além do que lhe é apresentado em sala de aula como revela Martins (1997, p. 111): "Inserido no contexto em que vivem e na realidade manifestada em nosso país, devemos criar condições para que os alunos se tornem cidadãos que pensem e atuem por si mesmo".

Todavia, é importante que fique claro que, é papel da escola ensinar aquilo que os alunos ainda não sabem para incluí-los em práticas sociais da escrita que sejam bem valorizadas socialmente. Mas também é dever da escola não depreciar as outras variedades da língua que os alunos trazem para a sala de aula.

Sobre a prática do professor Gadotti (2000, p.9) afirma que nesse contexto, o educador é um mediador do conhecimento, diante do aluno que é o sujeito da sua própria formação. Ele precisa construir conhecimento a partir do que faz, e para isso,



também precisa ser curioso, buscar sentido para o que faz e apontar novos sentidos para o fazer dos seus alunos.

O autor afirma ainda que, os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas.

As Matrizes de Referência do SAEB (2001, p. 17) – Sistema de Avaliação da Educação Básica, que tem o objetivo de orientar a construção das provas de avaliação de desempenho dos alunos da Educação Básica faz referência à construção comunicativa do sujeito, o que é essencial para sua inserção social:

Um sujeito competente no domínio do uso da linguagem é capaz de compreender e produzir textos orais e escritos adequados às situações de comunicação em que atua; de posicionar-se criticamente, formulando perguntas e articulando respostas significativas em variadas situações.

O ensino deve abranger de maneira harmônica a sua aplicabilidade, isto é contextualizar o uso. O aluno só será capaz de interiorizar o conhecimento da estrutura gramatical se esta for contextualizada em situações ou contextos comunicativos. É preciso levar o aluno a compreender e interpretar, argumentar, elaborar perguntas, levantar hipóteses acerca do uso de determinados elementos linguísticos relacionando a sua contextualização cultural histórica e social.

As práticas sociais de leitura sempre estão relacionadas a uma necessidade comunicacional. Na escola, não pode ser diferente, os alunos precisam tomar consciência da diversidade de objetivos, modalidades e textos que caracterizam de fato a leitura. Assim como existem vários textos, existem várias formas de ler, que também podem variar de acordo com as situações propostas. É importante também, que os alunos saibam que bons leitores lançam mão de estratégias e procedimentos para construir significados sobre o texto.

É importante que o professor tenha a consciência de quais teorias guiam sua prática, porque o ajudarão a fazer as escolhas adequadas a cada contexto.

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dele que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

visões de mundo, produz conhecimento. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos (PCN-Língua Portuguesa, 2001, p. 23).

Para Antunes (2003) há uma falta de interação em que os alunos não expressam a sua opinião, falta um intercâmbio, o professor é o responsável por fazer um elo entre o texto e o aluno para que o mesmo possa expressar seus argumentos acerca do que foi lido. A autora defende que, a partir da leitura pode-se construir cidadania criando ideais. O professor deve instigar o uso do diálogo na sala de aula inserindo-se na perspectiva interacional em que o papel do professor é o de intermediário da experiência com o uso linguístico. Desta maneira, em sala de aula, deve-se participar ativamente no auxílio aos alunos, procurando sempre colaborar no processo ensino/aprendizagem, usando e tendo como referência este interacionismo que Antunes (2003) defende e também o respeito à autonomia e dignidade do ser educando, como frisa sabiamente FREIRE (1996, p. 59). “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é imperativo ético e não um favor que podemos conceber uns aos outros”.

Bakhtin (1986, p.113) descreve a linguagem sob a perspectiva de “ponte lançada entre o homem e o outro homem”. Segundo ele, é através da palavra que a pessoa se define em relação ao outro e à coletividade, pois esta é o modo mais sensível e puro de relação social, de forma que:

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. (Bakhtin 1986, p.41)

Desta forma, o professor é capaz de levar o aluno a desenvolver suas próprias competências crítico discursivas, diferentemente da postura tradicional que pode originar vários problemas. A insistência na imitação, obediência, repetição e controle, que são muito



frequentes no método tradicional, conduzem a uma negligência das capacidades individuais do aluno, pois são competências mecânicas e repetitivas.

Já não há mais lugar para o professor simplesmente repetidor, como disse acima, que fica passivo. [...] O novo perfil do professor é aquele do pesquisador que, com seus alunos (e não, “para” eles), produz conhecimento, o descobre e o redescobre. Sempre. (ANTUNES, 2003, p.36)

Para isso, é relevante que os professores, para poderem ser assim chamados, sejam constantes leitores e pesquisadores, mantendo-se desta forma informados de tudo que acontece à sua volta. Professores de língua portuguesa não podem, ou melhor, não devem ignorar os avanços da investigação científica sobre a linguagem e o ensino de língua.

Considerações finais

Ao fim deste artigo concluímos que, ensinar nos dias de hoje vai muito além da forma tradicional. O professor é o responsável pelo processo de ensino/aprendizagem. Compreendemos assim que é papel da escola tornar o aluno competente na sua competência crítico-discursiva. Para que isso aconteça, é relevante que os profissionais da área da educação, sejam constantes leitores pesquisadores e, para que isso, é preciso que esses agentes responsáveis pela educação do corpo discente, mantenham sua formação continuada não parando, dessa forma, no tempo sem nenhuma perspectiva inovadora e/ou deturpando a compreensão dos processos e práticas educativas.

Assim, devem-se criar e desenvolver laços e mecanismos de comunicação que permita o entendimento e o engrandecimento mútuo dos indivíduos.

Por estes motivos, é preciso investir e dinamizar processos de educação que, contribui para o reconhecimento da diversidade e promover a interação, incentivando o encontro e o diálogo, considerando-a mesmo ser de interesse público e fundamental para a formação de uma sociedade democrática, mais justa e tolerante.

Por fim, é oportuno mencionar que este artigo pretendeu contribuir com os estudos que se relacionam com os fenômenos linguísticos e a gramática enquanto matéria que se ensina na escola e que estes estudos estão em aberto.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Referências

AZEREDO, J.C.D. **Língua Portuguesa em debate: conhecimento e ensino**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

AZANHA, J. M. P. **A formação do professor e outros escritos**. São Paulo. Editora Senac, 2006.

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino sem pedras no caminho**. SP: Parábola Editorial, 2007.

_____. **Aula de português: Encontro e interação**. SP: Parábola Editorial, 2003.

_____. **Análise de textos: Fundamentos e práticas**. SP: Parábola Editorial, 2010. (Estratégias de Ensino).

BAGNO, Marcos. **Dramática da língua portuguesa: Tradição gramatical, mídia e exclusão social**. 4º ed. Edições Loyola, São Paulo, 2000.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. MEC/SEF, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. **Maxismo e Filosofia da Linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 3ª ed. Hucuitec. São Paulo, 1986.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. 16 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

CARDOSO, S. H. C. **Discurso e ensino**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

CECÍLIO, S. R. **Investigando a própria ação**: reflexões sobre o ensino de gramática na 8ª série. 2004. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina.

FREIRE, Paulo. **A Importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 50. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004. (Coleção Leitura).

GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. **Linguagem e ensino**: exercício de militância e divulgação. 6ª impressão novembro de 2006. Campinas: Mercado da Letras: Associação de leitura do Brasil, 2006. Coleção Leitura no Brasil.

_____. **Unidades básicas do ensino de português**. In: O texto em sala de aula. São Paulo: Ática, 1997. P. 59-79.

_____.(org.); ALMEIDA, Milton José de [et al.]. **O Texto na sala de aula**. 4ª ed. São Paula: ática, 2006.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre. Artes Médicas, 2000.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura, 10ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática** (coleção magistério. Série formação do professor). Cortez, 1994. São Paulo.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

_____. **Adeus professor, adeus professora: novas exigências educacionais e profissão docente.** 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LDB. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 20 de Dezembro de 1996.

MARTINS, João Carlos. **Vygostsky e o papel das interações sociais na sala de aula: reconhecer e desenvolver o mundo.** São Paulo: FDE, 1997, nº 28, p. 111-122. (Série ideais).

MARCONDES, D. **A crise de paradigmas e o surgimento da modernidade.** In: BRANDÃO, Z. (org.). *A crise dos paradigmas e a educação.* 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1997, p.14-29. (Questões da nossa época, v. 35).

MATRIZES DE REFERÊNCIA DO SAEB 2001. Disponível em:
<http://www.inep.gov.br/basica/saeb/matrizes.htm>

NIDELCOFF, M. T. **Uma escola para o povo.** 16ª ed. Editora Brasiliense, 1983.

OLIVEIRA, Mariângela rios de. & WILAON, Victória. In: MAETELOTTA, Mário Eduardo. (org.). **Manual de Linguística.** 1ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

PERFEITO, A. M; CECÍLIO, S. R. **Ensino-Aprendizagem gramatical: diagnóstico de uma pesquisa.** *Signum: Estudos da Linguagem.* Londrina 8/2, p. 83-107, dez. 2005.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar a gramática na escola.** Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996 (Coleção Leitura no Brasil).

PIMENTA, S. G. LIMA, M. S. L. L. **Diferentes concepções** – Revista Poíesis – volume 3 e 4, p. 5-24, 2005/2006.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática.** 11ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VIEIRA, Rita Alves: FERREIRA, Racilda Maria Nóbrega: SCHMIDLIN, Regina de Fátima Mendes. **A prática pedagógica de professores de língua portuguesa em uma perspectiva de transversalidade e desenvolvimento de competências comunicativas.** Revista F@pciência. Paraná. V.7. nº 3. P. 26-40. 2010.